

As ilhas do tesouro

Arduino Colasanti e Carlos Secchin descobrem que Cagarras resistem ao emissário

Luiz Monier - 29/10/97

MARCOS SÁ CORRÊA
no.com.br

Se quisesse, o fotógrafo Carlos Secchin poderia se contentar com a vista mais luxuosa do litoral brasileiro. Mora na Avenida Vieira Souto, em Ipanema. De frente para o mar. Tem a praia bem debaixo da janela. E diante da vidraça seus únicos vizinhos visíveis são ilhas oceânicas, além dos navios que passam entre a barra do Rio de Janeiro e as rotas oceânicas.

Mas não é da sacada de seu apartamento que ele descobriu um parque natural submarino pronto para ser criado por um golpe de caneta. É uma reserva que a seu ver a cidade tem mas está perdendo, enterrando-o como um tesouro no arquipélago das Cagarras. E quer que alguma autoridade se dê ao trabalho de oficializá-lo, enquanto é tempo para "o desaparecimento progressivo de tanta beleza". Com Arduino Colasanti, o decano da caça submarina no Brasil, Secchin mergulhou há mais de dois anos numa empreitada de fôlego oceânico: inventariar tudo o que sobrou no fundo dessas ilhas. Elas ficam na boca do emissário submarino de Ipanema, têm águas cada vez mais opacas e até pouco tempo atrás foram bombardeadas pela pesca ilegal com dinamite. Mas estão vivas.

O primeiro resultado dessa investigação ficou pronto esta semana. É um maciço relatório de 31 páginas, feito com a supervisão do zoólogo Paulo Young, do Museu Nacional, e recheado com centenas de fotografias. Tudo para provar que ainda existe o Rio de Janeiro que os converteu em mergulhadores algumas décadas atrás, num tempo em que ainda se falava em "grandes raias jantadas na beira das praias do Leblon, Ipanema e Arpoador" e "compactos cardumes de xerelete, olho de cão, olho de boi e bonito na sombra do Pier de Ipanema", sem falar na "sardinhada fugindo dos bonitos entre as pernas dos banhistas". E a areia "de tão limpa, era sonora", cantava sob os seus pés.

Nem todas essas lembranças estão submersas. Da praia às ilhas, o trajeto do barco de pesquisa singrava às vezes a gosma pardacenta cuspidada em alto-mar pelo emissário, mas permitia ver o Rio de um ângulo em que, entre a ponta do Leme e o morro do Pão de Açúcar, o cenário parece ter passado incólume pelos quase cinco séculos da cidade. Diz o texto: "Não fosse a ausência da avifauna terrestre - papagaios, guarás e maracanãs e os gritos dos macacos - por certo estaríamos convencidos de ter dado um

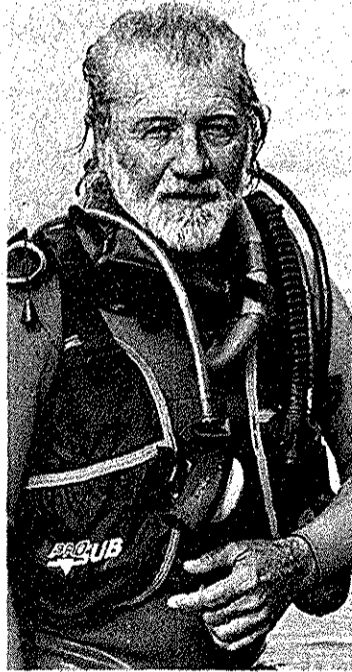


A pesquisa revelou que as Ilhas Cagarras têm a maior variedade de estrelas do mar do Brasil.

mergulho no tempo. A vegetação compacta sem vestígio de construções e a avifauna marinha, ainda que reduzida, fazem com que o lugar mantenha a aparência do tempo em que todo esse espaço era atravessado por nativos em canoas e por ruidosas araras".

Emissário - Essa miragem convive com a mancha do emissário submarino a meio caminho da ilha de Palmas. Sua boca está há mais de três décadas onde não deveria. "Ou seja", explica o relatório, "até hoje a obra não foi concluída, faltam mil e quinhentos metros de manilha. Como não atingiu distância e profundidades seguras para a dispersão dos sólidos, sugeridas pelos estudos conclusivos do projeto original, grande parte da massa de dejetos permanece próxima à boca de lançamento, criando um fenômeno batizado pelos americanos da Califórnia de *black mayonaise* - uma surpreendente massa de consistência lodosa que se expande pelo fundo e acaba alcançando as águas rasas do litoral".

Mas a poucos quilômetros dali o arquipélago dá todos os sinais de saúde. "A partir dos 15 metros de profundidade, o *coral-imorphalya*, que se parece mais com uma anêmona do que com um coral, cobre com extensa colônia as faces verticais e oblíquas das rochas, nos fundos das ilhas mais afastadas, Rasa e Redonda. Não misturam as cores. Mesmo que tenham a forma e o tamanho iguais, 0,5 cm em média, cada colônia respeita o conjunto da outra. Fúcsia, lilás, vermelho e



Colasanti chefiou as expedições

laranja", conta Secchin.

Em águas profundas, chamou a atenção da dupla a quantidade de "anêmonas de várias espécies e colorações". A mais rara e "sem dúvida, pelo tamanho e a forma, a mais bela", é a *cerianthum*, ou anêmona gigante, "que brilha com os seus delgados tentáculos, isolada sobre o substrato repleto de fragmento de conchas". Escreve Secchin: "Estamos a 30 metros de profundidade e a menos de 20 da Ilha Rasa. Não faz muito tempo, aqui, as *coquilles* de Sant-Jacques espalhavam-se no fundo - a concha aberta mostra o formato de um delicioso sorriso banguela".

Estrelas - Ao redor das ilhas, bem diante da Zona Sul ca-

rioca, eles encontraram "a maior variedade de espécies de estrelas do mar do Brasil. Algumas belas, de braços elegantes, outras menores, de cores berrantes. Sempre estiveram presentes no mergulho em qualquer época do ano". Há poucas conchas, dizem eles, mas em compensação "a desova de argonautas nas extremidades das ilhas" cobre o fundo do mar com "uma espécie de manta branca e delicada" de estruturas "leves e translúcidas". Daqui a um mês começa nas ilhas o show noturno dos invertebrados luminescentes, trazidos pelos ventos fortes de leste e pela água fria de novembro. E atrás deles vêm as tartarugas e os peixes-cangulos, que "apreciam a chegada dos organismos gelatinosos e se fartam".

Com tudo isso, Carlos Secchin e Arduino Colasanti querem promover o arquipélago das Cagarras a reserva natural. Por enquanto, aquilo é apenas uma Área de Relevante Interesse Ecológico, um título sonoro, mas quase estritamente honorífico. Não vale como proteção. Se a cidade souber o que existe lá dentro, eles esperam que as ilhas virem parque submarino. Assim, eles prometem que, em pouco tempo, "muito menos do que é necessário para que em terra haja resposta de recuperação, teremos no fundo do mar, de frente para a cidade, um ambiente tal e qual os mergulhadores pioneiros conheceram no passado". Afinal, o Rio, das dez maiores cidades marítimas do mundo, é a única que não tem sequer um aquário marinho.